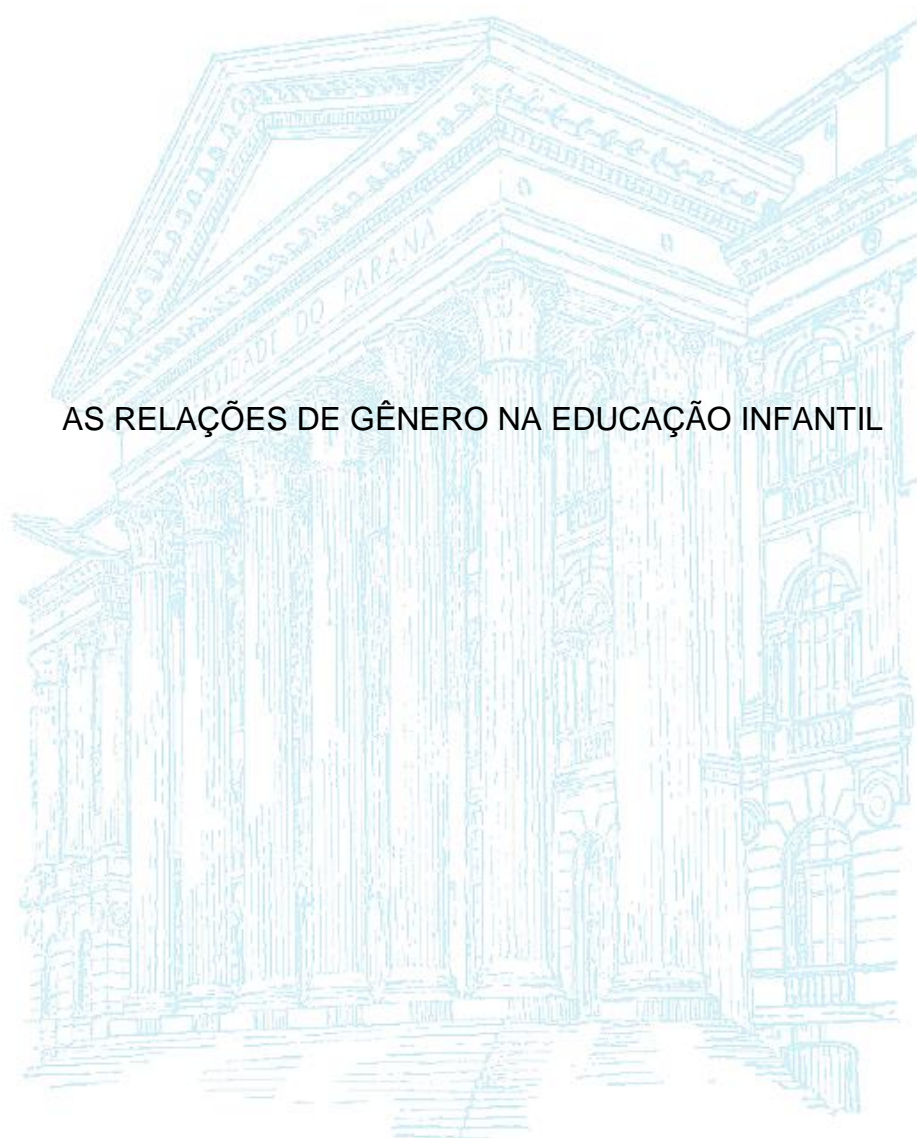


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MÁRCIO DOS REIS SALES

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL



São Paulo
2016

MÁRCIO DOS REIS SALES

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós- Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientação: Profa. Dra. Shirley Acioly

São Paulo
2016

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Márcio dos Reis Sales; Shirley Acioly

RESUMO: O processo educativo e formativo de meninos e meninas é determinante na construção de uma sociedade livre de desigualdades e preconceitos. Esse processo educacional formal se inicia desde a Educação Infantil que, em São Paulo, acontece nos Centros de Educação Infantil (CEI), para crianças de zero a três anos e se prolonga nas Escolas de Educação Infantil (EMEI) para crianças de quatro a seis anos de idade. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é discutir a contribuição da Educação Infantil, especificamente no trabalho realizado na EMEI com crianças de 4 a 6 anos, na formação de meninas e meninos para uma educação não sexista, capaz de colaborar na formação da identidade de gênero desprovida de valores ou preconceitos que possam privilegiar comportamentos considerados adequados para cada gênero e a reprodução do machismo. Por meio da pesquisa bibliográfica e observando uma escola de Educação Infantil da zona Leste da capital paulista, refletimos sobre os procedimentos que contribuam na educação de crianças em busca do respeito desde a infância.

Palavras-chave: educação infantil, gênero, prática docente, brinquedos.

ABSTRACT: The educational and formation process of boys and girls is decisive in the construction of a society free of inequalities and prejudices. This formal educational process starts in the childhood education which, in São Paulo, happens in Child Education Centers (CIS), for children from zero to three years, and extends in schools of Childhood Education (EMEI) for children from four to six years of age. In this context, the objective of this work is to discuss the contribution of child education, specifically in the work carried out in EMEI with children aged 4 to 6 years, in the training of boys and girls to a non sexist education, able to collaborate in the formation of gender identity devoid of values or prejudices that may favor behaviors considered adequate for each gender and the reproduction of "machismo". By means of a bibliographic search and observing a Child Education School of the Eastern zone of the São Paulo, we reflected on procedures that help in the education of children in search of respect since childhood.

Keywords: children's education, gender, teaching practice, toys.

INTRODUÇÃO

O processo educativo e formativo de meninos e meninas é fundamental para a construção de uma sociedade que supere desigualdades e preconceitos. Esse processo educacional se inicia desde a Educação Infantil que, na cidade de São Paulo, atualmente começa nos Centros de Educação Infantil (CEI), para crianças de zero a três anos e se prolonga nas Escolas de Educação Infantil (EMEI) para crianças de quatro a seis anos de idade.

Temos na primeira infância um momento profícuo para a construção da identidade da criança baseada no reconhecimento de si, aquisição de valores e atitudes que favoreçam sua formação para o respeito à diversidade e a atuação na sociedade de maneira solidária. Pensar na construção da identidade de meninos e meninas é também se preocupar com a formação de futuros jovens e adultos abertos à diversidade de gêneros, como forma de combater a discriminação e reprodução das desigualdades sociais causadas pela discriminação de gêneros que enfrentamos ainda na atualmente.

A educação voltada para a igualdade de gênero visa mostrar a garantia de direitos e oportunidades iguais a meninos e meninas, homens e mulheres. É já na Educação Infantil que se pode romper com a reprodução do machismo, da misoginia¹ e da homo, lesbo e transfobia², contribuindo para uma sociedade em que o respeito seja um princípio fundamental e a violência de gênero seja combatida.

Tais discussões como a igualdade de gênero e de livre orientação sexual são basais para a erradicação de todas as formas de discriminação. Elas deveriam permear todos os níveis de ensino, inclusive a Educação Infantil, respeitando sua especificidade, devido à idade das crianças, mas sem deixar de cumprir o papel de orientação e ruptura com paradigmas cristalizados que são fontes de variados tipos de violência contra a mulher, homossexuais, transexuais³ e transgêneros⁴.

¹ Termo utilizado para se referir ao ódio, desprezo ou repulsa ao gênero feminino e às características a ele associadas (mulheres ou meninas)

² Homo, lesbo e transfobia: temos utilizados para se referir ao desprezo e ao ódio às pessoas homossexuais, lésbicas e transexuais respectivamente.

³ Pessoa que possui identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções

Entretanto, em 2015, um ano após a aprovação da Lei 13.005 que promulgou o Plano Nacional de Educação, pelo qual os municípios deveriam sancionar seus planos municipais de educação, a cidade de São Paulo, por meio da Câmara de Vereadores, retirou do projeto que trata do Plano Municipal de Educação todas as referências às questões de gênero. O texto original previa a necessidade de discutir e difundir propostas pedagógicas com conteúdos sobre sexualidade, diversidade quanto à orientação sexual, relações de gênero e identidade de gênero. Porém, a pressão de militantes conservadores pró-família, apontando nesses trechos uma suposta defesa à “ideologia de gênero”, culminou na retirada da discussão sobre as relações de gênero do PME.

No entanto, uma vez que o Plano Nacional de Educação, além da erradicação do analfabetismo, busca a promoção da igualdade, as discussões sobre gênero, suprimidas no PME de São Paulo, são fundamentais para a superação dos preconceitos que geram a discriminação e violência, bem como essenciais para o combate à desigualdade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) tratam de assuntos relacionados à sexualidade como tema transversal, tendo como alguns dos objetivos:

Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano. Reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas (BRASIL, 1998A, p. 311)

Isso nos permite continuar com questões relacionadas à diversidade de gênero na escola, uma vez que, por meio delas, buscamos a formação de pessoas solidárias desde a infância.

Assim, a presença dessa discussão na Educação Infantil, em prol de uma educação para os direitos humanos deve acontecer, de forma consensual e consciente, nas práticas pedagógicas que sejam questionadoras aos paradigmas machistas e preconceituosas que cercam

médio-cirúrgicas para a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) a sua identidade de gênero constituída.

⁴ Transgênero é um termo para reunir em uma só categoria, travestis e transexuais como sujeitos que realizam um trânsito entre um gênero e outro.

meninos e meninas em seu modo de brincar, de se relacionar, de ver o mundo e ser criança. Tais paradigmas podem ser observados na divisão de brinquedos e brincadeiras considerados específicos para cada gênero, bem como os espaços mais utilizados por meninos e meninas no âmbito escolar.

A ruptura com tais paradigmas de delimitação de espaços do feminino e masculino permite a criança vivenciar um novo modo de ser - o seu modo - sem padrões a serem seguidos e reproduzidos como forma correta de ser menino ou menina. As práticas pedagógicas, como as atividades de brincadeiras livres e dirigidas, contação de histórias pelas professoras⁵ e criação e representação de histórias pelas crianças, interação nos cantos temáticos, que permitem a abertura para as diferentes formas de ser, abrem às crianças a possibilidade de explorar um mundo de brincadeiras, exercício lúdico do cuidado, organização, criatividade além de se apresentar como caminho para a superação do sexismo⁶ e relações de poder – que buscam espaço na escola para serem reproduzidas e perpetuadas.

Contudo, a Educação Infantil (EI), ao permitir que meninos e meninas brinquem com qualquer tipo de brinquedos e brincadeiras, sem distinção de gêneros e sem discriminar suas escolhas, favorece o rompimento do ciclo de violência contra as diferentes formas de viver o masculino e o feminino. Dessa forma, a EI, assume papel fundamental para a construção da identidade da criança, em seus primeiros anos escolares, valorizando o reconhecimento de si e o respeito à diversidade de gêneros.

Na cidade de São Paulo, a criança inicia sua vida escolar, ou Educação Infantil, com menos de um ano de vida, nos Centro de Educação Infantil (CEI), prosseguindo, aos três anos, para a EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil). Nesses anos iniciais, por meio do lúdico e da brincadeira, a criança começa a aprender a cuidar de si, reconhecer e cuidar do ambiente e do outro, bem como os primeiros conceitos acerca do masculino e feminino que levará para os anos seguintes. Nessa fase de desenvolvimento, a construção da

⁵ As turmas observadas eram regidas somente por professoras.

⁶ Atitude preconceituosa que prescreve para homens e mulheres papéis e condutas diferenciadas de acordo com o gênero atribuído a cada um, subordinando o feminino ao masculino.

identidade de gênero sofre grande influência da família e dos meios sociais nos quais a criança circula.

Os pais constroem o primeiro ambiente de brinquedos da criança, antes que ela comece a fazer suas escolhas. No nascimento, o quarto das meninas é rosa, com bonecas, e o dos meninos é azul, com carros em miniatura. As meninas costumam brincar de “casinha” e representam o papel da mãe; os meninos, de “motorista”, que dirige o carro. É o contexto em que a criança vive, especialmente o meio familiar, que dirige inicialmente tais escolhas. (KISHIMOTO, 2008)

O ambiente familiar muitas vezes reproduz a binariedade menino/menina ou homem/mulher pautado no sexo biológico, a Escola se mostra como lugar de se aprender que há outras maneiras de ser menino e menina que não segue essa lógica binária que separa aquilo que é de um ou de outro gênero. No entanto, a Escola deve ter claro seu papel de ampliar olhares, para que não seja mais uma reprodutora desses paradigmas, conforme afirma Viana (2009):

A forma como a família ou a professora conversa com a menina, elogiando sua meiguice ou como justifica a atividade sem capricho do menino. O fato de pedir para uma menina a tarefa de ajudar na limpeza e ao menino para carregar algo já demonstra como as expectativas são diferenciadas. O que é valorizado para a menina não é, muitas vezes, apreciado para o menino, e vice-versa.

A ação de professores e professoras no processo educativo pode tomar então um caráter de controle e correção para construir os corpos de meninos e meninas de acordo com os padrões e expectativas determinados para cada sexo. Segundo Guizzo (2007):

Meninos e meninas tornam-se alvos desses processos por meio de atos de regulações e controles empreendidos na escola. Tais regulações são, via de regra, muito discretas e, de maneira geral, passam quase que imperceptíveis aos olhos de muitas pessoas.

Nesse sentido, a Escola pode deixar de cumprir seu papel de educar para a diversidade e abertura de horizontes, para reproduzir paradigmas que vão contra a superação da dicotomia entre os sexos, como determinantes de comportamentos de meninos e meninas pautados na convenção construída socialmente daquilo que se espera de cada sexo. Entretanto, este trabalho busca observar os caminhos para superar essa reprodução da discriminação contra os gêneros.

OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa é discutir a contribuição da Educação Infantil na formação de meninas e meninos para uma educação não sexista, que colabore na formação da identidade de gênero desprovida de valores que evidenciem um gênero em detrimento de outros. Por meio da pesquisa bibliográfica, fazer um levantamento de procedimentos que favoreçam a relação de gêneros na educação de crianças em busca do respeito desde a infância.

Objetivos específicos

- Explicar como se estabelecem as relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil, de 4 a 6 anos.
- Explicar como as relações de poder em relação aos gêneros podem se estabelecer na escola desde a infância, por meio da reprodução de valores e ideologias introjetados pelos adultos na escola;
- Refletir quais práticas pedagógicas das professoras colaboram ou não para a ruptura da dicotomia entre brinquedos e brincadeiras destinados a meninos e meninas.

METODOLOGIA

Considerando o objetivo deste trabalho que é discutir a contribuição da Educação Infantil na formação de meninas e meninos para uma educação não sexista, e que colabore para a formação da identidade de gênero, desprovida de valores ou preconceitos que possam privilegiar comportamentos considerados adequados para cada gênero e a reprodução do machismo, esse estudo parte da pesquisa bibliográfica sobre gênero e sexualidade na escola, tendo como referências os estudos realizados por Aquino (1997), Louro (1997), fazendo um levantamento de procedimentos relacionados à formação da identidade de gênero em busca do respeito à diversidade desde a infância, e observando as práticas realizadas no

cotidiano de uma Escola Municipal de Educação Infantil da zona leste de São Paulo.

Nesse sentido, propomos realizar uma pesquisa qualitativa, por meio da observação as práticas docentes, conforme descreve Diehl (apud DALFOVO, *et al.* 2008)

A pesquisa qualitativa, por sua vez, descreve a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos.

Escolhemos essa abordagem devido à preocupação de estudar o comportamento de crianças de idades entre 4 a 6 anos em seu processo de aprendizagem nos diversos espaços da escola: sala de aula, espaços de brincadeira como pátio, parque e cantinhos temáticos, visando às relações de gênero, pautado no respeito à diversidade e ruptura de paradigmas cristalizados. Portanto, dada a complexidade dessa situação, não buscamos uma definição exata ou quantitativa de dados, mas observar o contexto escolar e discutir as experiências vivenciadas por meninos e meninas na formação da identidade e abertura para a diversidade de gênero e a não determinação de atividades exclusivas de um único gênero, como o brincar de bonecas ou carrinho, o jogar bola, o realizar tarefas domésticas, entre outras. Tais experiências não são possíveis mensurar quantitativamente, por outro lado, podem ser descritas qualitativamente “a fim de reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos” (MINAYO, apud *et al.* 2008). É por meio do contexto escolar que nos propomos a discutir sobre a importância de possibilitar o maior número de experiências às crianças no processo de ensino e aprendizagem, como autores reconhecidos da área da Educação Infantil e entendem como importante a superação da ruptura de paradigmas cristalizados sobre gêneros, conforme estudiosos sobre Gênero e Diversidade, como Aquino (1997), Louro (1997), Moreno (1999), Guizzo (2007). Nessa união das duas áreas: Gênero e Diversidade e Educação Infantil, buscamos um caminho para uma educação que respeite e valorize a forma como a criança se percebe e reconhece quanto ao gênero no processo de formação.

UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é um período de formação da criança, no qual o brincar é compreendido como momento privilegiado de exploração do mundo simbólico, construção de conhecimentos, desenvolvimento de valores e princípios que nortearão a criança ao longo de sua vida escolar e pessoal (BRASIL, 1998)

O brincar enquanto forma de expressão e comunicação vem desde o nascimento da criança. Essa expressão se desenvolve ao longo dos anos, como uma atividade social, com contexto cultural, em que as meninas e meninos utilizam a imaginação e a fantasia para interagir com a realidade que os cercam, para a construção de novas possibilidades. As brincadeiras compõem um patrimônio lúdico-cultural, traduzindo valores, costumes, formas de pensamentos e, conseqüentemente, favorecem a aprendizagem (BRASIL, 1998).

É devido a essa característica cultural da brincadeira, que a criança representa e reproduz valores e atitudes que traz do bojo familiar. Na escola, podemos observar quais princípios relacionados ao gênero essa criança traz consigo, pois, ao brincar, a criança reproduz os modelos de família, de relação entre os gêneros, bem como os modelos de homem e mulher que conhece em seu convívio social.

Na escola não podemos desconsiderar essa bagagem cultural dos alunos e alunas. Pelo contrário, devemos direcionar a atenção para ela e buscar, pela educação, a transformação daquilo que foge dos princípios dos direitos humanos e, em especial à diversidade de gênero.

O processo de 'fabricação' dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (...), nosso olhar deve ser voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como 'natural' (LOURO, 2003).

Em 2015 o Projeto Especial de Ação (PEA) - que consiste em momentos de estudos e planejamentos de projetos pedagógicos dentro do horário de

trabalho docente composto de oitos horas/aula - da unidade escolar observada neste trabalho desenvolveu estudos voltados à contribuição do brincar no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, como caminho para o desenvolvimento das habilidades que englobam os sete campos de experiência, a saber: Cuidado de si, do outro e do ambiente; Conhecimento Matemático; Brincar e Imaginar; Linguagem Corporal; Linguagem Verbal; Linguagem Artística e Exploração da Natureza. O projeto se estendeu a todas as turmas da unidade escolar e não somente para as professoras participantes do horário de estudo coletivo. Nele, o objetivo principal foi o resgate das brincadeiras tradicionais que hoje, devido à influência das tecnologias, tem deixado de lado brinquedos e atividades lúdicas que carregam consigo um valor pedagógico importante no processo de aprendizagem da criança.

A interação da criança durante o brincar é capaz de revelar a concepção de mundo e, conseqüentemente, de relações de gênero que trazem consigo de casa. O comportamento que a criança tem na escola reflete aquele adquirido no convívio familiar, reproduzindo as relações e os valores transmitidos direta ou indiretamente pelos familiares. Por meio das falas, das regras e limites impostos e das hierarquias definidas nas brincadeiras, podemos observar como a criança vivencia e reproduz as relações entre os gêneros, se estabelecem hierarquia ou simetria, ou ainda se há a divisão de categorias entres brinquedos e objetos específicos para meninos e meninas, classificando os gêneros e, por conseqüência, determinando os comportamentos de acordo com o sexo biológico.

Nesse processo de observação nos ambientes educativos, o trabalho pedagógico também pode ser investigado, para compreensão acerca da reprodução ou imposição de comportamentos definidos para meninas e meninos.

Nas atividades observadas pelas professoras no dia a dia da escola, elas destacam a participação das crianças em todas as atividades propostas, como as atividades dirigidas de dança e movimento, as brincadeiras em sala, os cantinhos temáticos com brinquedos que representam a casa, profissões, monta-monta, entre outros. Faz parte da rotina a organização de cantos com

brinquedos diversos, onde há variedade de bonecas, carrinhos, casinhas, peças de montar, ferramentas, brinquedos de profissão.

Segundo relato das 10 professoras que participam do PEA e a observação nas 16 turmas da escola, as crianças brincam com os brinquedos, ora seguindo o rodízio estabelecido entre os agrupamentos de brinquedos, ora escolhendo os cantos⁷ nos quais desejam brincar. Nos dois modos de organização, observamos que meninas e meninos interagem com os brinquedos sem separação daqueles considerados socialmente específicos para meninos ou para meninas. Os meninos envolvem-se em brincadeiras com utensílios das casinhas junto às meninas. Na casinha localizada no parque da escola, notamos a interação dos meninos, reproduzindo os afazeres com as meninas, geralmente estabelecendo a relação de família com representação de pai, mãe e filhos, inclusive com os cuidados com as bonecas, representando bebê. Segundo as professoras, essa relação acontece de forma espontânea, refletindo o contexto familiar, sendo frequente perceber a fala das meninas cobrando a responsabilidade dos meninos para cuidar do filho e para os afazeres domésticos, enquanto os meninos assumem essas tarefas de forma natural. As representações apontam a organização familiar que atualmente não segue o padrão tradicional de família mononuclear, constituída por pai, mãe e filhos. A família tem passado por mudanças aceleradas em sua estrutura, organização e função de seus membros e essas novas organizações são expressas e representadas nas brincadeiras das crianças.

Com base nos estudos realizados no horário de estudos do PEA, as discussões levantadas e as instruções de ensino da Coordenação Pedagógica, as professoras destacam que apresentar os brinquedos e brincadeiras de forma espontânea sem diferenciação quanto ao gênero, contribui para que as crianças interajam com liberdade para escolher que tipo de brincadeira querem realizar, e que, ao não apresentar restrições ou classificar o que é permitido para um ou outro gênero, promove a valorização da identidade de cada um.

CONTRADIÇÕES E DESAFIOS NA PRÁTICA DOCENTE

⁷ Agrupamento temático de brinquedos ou atividades.

A prática pedagógica que se concretiza no cotidiano escolar revela princípios, valores e atitudes do corpo docente adquiridos na formação e principalmente na experiência de vida de cada professora e professor. Tais princípios podem promover a classificação e hierarquização dos gêneros muitas vezes de forma natural, reproduzindo os padrões de uma sociedade sexista e machista.

Nas atividades observadas, foi possível constatar em situações corriqueiras a separação de meninos e meninas nas filas, na ordem de entrada no refeitório, na sala de aula, no acesso ao parque. Nessas situações, as meninas geralmente são colocadas à frente dos meninos, justificado pela ideia de cordialidade deles em relação a elas. Embora esses procedimentos tenham sido discutidos nos momentos de estudos, as professoras utilizam a separação por meninas e meninos com o pretexto de melhor organizar as filas.

Na contextualização das salas, nos Relatórios Descritivos⁸ que compõem a documentação pedagógica da escola, os meninos geralmente são responsabilizados pela indisciplina da sala, considerados mais agressivos e agitados que as meninas. Estas têm a preferência das professoras, por serem consideradas mais calmas e dóceis. Geralmente as turmas compostas por mais meninos são evitadas pelas professoras no momento da atribuição – em 2015 tivemos uma turma com 27 meninos e 6 meninas - e as que contêm mais meninas são mais aceitas. Entretanto, as meninas que apresentam comportamento menos passivo, como esperado pelas professoras, são consideradas fora do comum e, geralmente, são comparadas a meninos.

Tais expectativas apontam os comportamentos que as professoras esperam das crianças, de acordo com o sexo. Parece não ser surpreendente um menino ser mais agressivo que uma menina. Entretanto, ao mesmo tempo em que a agressividade é refutada pelas educadoras, o menino que tem o comportamento mais carinhoso e passivo é visto com estranhamento por elas, havendo por vezes a comparação com as meninas, como se fosse algo exclusivo do gênero feminino.

Conforme Moreno (1999) afirma,

⁸ Na Educação Infantil a avaliação da criança é realizada por meio de um Relatório Descritivo Individual semestral que reflete a trajetória percorrida pela criança como instrumento capaz de fornecer aos educadores (as) os elementos necessários para a reflexão e continuidade do trabalho pedagógico. (SÃO PAULO),

“As formas de comportamento escolhidas por nossa sociedade e transmitidas aos jovens por meio da educação são o reflexo da ideologia que a domina, tem muito pouco de universais e de inerentes ao ser humano e são, portanto, modificáveis.”

Por extensão, às crianças acontece da mesma maneira, aos meninos é atribuído o comportamento ativo e agressivo e às meninas, a passividade e mansidão, como se fossem algo inato que constitui o perfil de cada um dos gêneros.

ROMPER PARADIGMAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RESITÊNCIAS E DESAFIOS

A escola que herdamos está acostumada a separar os indivíduos, classificando pelo sexo, pela cor, etnia, religião, entre outras características passíveis de distinção entre um e outro. Essa separação, muitas vezes, justificada pela ideia de organização escolar, colabora para a continuidade da discriminação entre os diferentes.

Segundo Louro (1997), a escola entende sobre as diferenças, distinções e as desigualdades e além de entender, reproduz tudo isso, com os mecanismos internos e ocultos de classificação, ordenamento e hierarquização que se repete há séculos.

Essa separação em relação ao gênero foi observada na prática pedagógica de grande parte das professoras da escola. Embora nos momentos de brincadeiras e atividades de sala, as crianças interagissem de forma espontânea e sem separação entre meninos e meninas, em situações como nas filas, prioridade para entrar ou sair dos diversos ambientes, ordem para realizar as tarefas, entre outras situações, foi possível constatar a classificação pelo gênero.

Tais situações em que meninos e meninas são isolados devido ao gênero revelam a concepção que se tem por trás de práticas justificadas pela organização das crianças. A ideologia de hierarquização dos gêneros começa pela distinção entre um e outro, com meninos de um lado e meninas de outro. E continua ao priorizar a entrada ou saída das meninas dos ambientes, reforçando a ideia de que elas precisam de privilégios pela fragilidade que

possuem em relação aos meninos, que são mais fortes. Neste ponto que, como Coordenador Pedagógico, encontrei o desafio de abrir a discussão quanto a procedimentos que contribuem para a hierarquização dos gêneros e que precisam ser mudados.

É comum ouvir, na fala das professoras, que a prática de fazer filas ajuda na organização e movimentação das crianças pelas escolas. No entanto, apresentam resistência em mesclar meninos e meninas, desconsiderando que no meio social não há e não deve haver essa separação, como ocorre nas filas de bancos, supermercados, ônibus, entre outros, nos quais meninos e meninas, homens e mulheres convivem e devem se respeitar e se reconhecer de maneira igualitária.

A escola é o ambiente para essa aprendizagem de convívio de reconhecimento e respeito entre os gêneros, mas os paradigmas parecem estar tão arraigados que é um grande desafio rompê-los.

Segundo relato das professoras, no final do ano letivo de 2014, elas escolheram um brinquedo para presentear as crianças da escola. Em consenso, optaram por um brinquedo de fazer bolinha de sabão, por considerarem que tal presente não fosse direcionado a nenhum gênero específico e poderia ser entregue tanto às meninas quanto aos meninos. Ao final do ano letivo, em 2015, para romper com a dicotomia dos gêneros e buscar valorizar a identidade da criança, propus a escolha individual de cada menino e menina quanto ao que desejaria ganhar entre quatro opções de presentes: bola, bambolê, bolinha de sabão ou vai-e-vem e o grupo docente e a direção aceitaram a proposta. Assim, cada criança pôde fazer sua escolha de acordo com sua vontade e tivemos os mais variados pedidos das meninas e dos meninos que fizeram suas opções, rompendo com a ideia de que um brinquedo só é para um ou outro gênero. Nessa experiência tivemos dois meninos que escolheram o bambolê (considerado pelas professoras como brinquedo para meninas). Assim, numa escolha predeterminada pela professora da sala, possivelmente esses dois meninos não seriam atendidos em sua real escolha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança tem o brincar com uma potencial atividade própria de sua interação com o mundo e seu desenvolvimento cognitivo, pessoal, humano. Essa relação com o mundo se estabelece de forma lúdica e gradativamente vai dando lugar ao real. É por meio do brincar que a criança estabelece, firma e constrói seus valores e comportamentos que carregará para a vida adulta.

Nesse estudo pudemos observar que, embora cada criança tenha um convívio familiar diferente e traga para a escola suas vivências diversificadas, elas envolvem-se no brincar sem distinções de gêneros, quanto a brinquedos e brincadeiras. Meninas e meninos interagem em brincadeiras com bonecas, casinhas, triciclos, bolas de forma harmoniosa, sem a classificação de brinquedos e brincadeiras destinadas a meninas ou a meninos.

Essas interações entre meninas e meninos são incentivadas e respeitadas nas práticas pedagógicas pelas professoras como caminho para a quebra de valores e atitudes machistas presentes ainda na sociedade contemporânea.

No entanto, observamos que a prática docente em alguns momentos ainda reproduz situações de separação entre meninos e meninas tanto de forma física (filas e espaços de acesso) como de maneira conceitual (o que é comportamento de menino e de menina). A separação em filas, a ordem de entrada e saída das salas, bem como a descrição de comportamentos considerados de meninas ou de meninos mostram essa separação de acordo com o sexo biológico.

Numa aparente contradição, o espaço escolar abriga o incentivo à interação e respeito entre todos, por meio das brincadeiras, mas separa meninos e meninas em outras práticas docentes. Tais atitudes mostram como o trabalho docente está impregnado de ações provenientes de uma educação sexista historicamente constituída, e, para garantir uma educação que valorize a igualdade, antes é necessário fazer com que os docentes percebam que fora das atividades pedagógicas propostas (o brincar) sua conduta ainda reproduz a lógica binária que separa meninos e meninas e pressupõe a apresentação de comportamentos “certos” para cada gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summuns, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos**: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008. ISSN 1980-7031

GUIZZO, Bianca Salazar. **Identidades de gênero masculino na infância e as regulações produzidas na Educação Infantil**. Revista Ártemins, volume 6, 38-48, jun, 2007.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida, ONO, Andréia Tiemi. **Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca**. Revista Pro-Posições, Campinas – SP, v. 19, n. 3, 209 – 223, set - dez. 2008.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: 1997.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. Campinas - São Paulo: Moderna, 1999.

SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio (Org.) **Diversidade e Educação**: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. Matinhos: UFPR Litoral, 2014.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientação normativa nº 01**: avaliação na educação infantil: aprimorando os olhares – Secretaria Municipal de Educação. – São Paulo: SME / DOT, 2014.

VIANA, Cláudia; FIANCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder**. Cadernos Pagu, Campinas – SP, Nº33, 265-283, jul-dez, 2009.